

# A ORNAMENTAÇÃO NOS FORROS DA CATEDRAL DE SALVADOR

Sônia Gomes Pereira

A Catedral de Salvador, antiga igreja dos Jesuítas, foi construída na segunda metade do século XVII, tendo as suas obras de ornamentação se estendido até a primeira metade do século XVIII. Na parte referente aos forros, alguns núcleos merecem ser estudados: o forro da abóbada da nave, o forro do nártex da nave, o forro da biblioteca e o conjunto de pinturas da sacristia.

## FORRO DA ABÓBADA DA NAVE

O teto da nave (fig. 1) não é uma abóbada estrutural verdadeira e sim um forro de madeira esculpido em forma de abóbada de berço, como comenta Robert Smith:

Sem pedra apropriada e sem recursos para executar obra  
*tão rebuscada em estuque, os Jesuítas da Bahia valeram-se do tradicional forro de madeira que, na realidade, com raras exceções, sempre constituiu a maneira habitual de cobrir igrejas no mundo lusitano. (1)*

A decoração desse teto é em talha dourada sobre fundo branco. Os motivos são predominantemente geométricos: octógonos, cruzes e hexágonos, formando molduras, tendo ao centro pendentes, profusamente decorados em flores e folhas. No centro, uma moldura em cruz, em tamanho maior, de onde projetam-se planos inclinados de volutas em forma de nuvens, com carinhas de anjo. Esses planos inclinados vão formar um medalhão azul escuro com o emblema dos Jesuítas em ouro, circundado por um esplendor também em ouro. Os quatro octógonos, que ladeiam o esplendor central, são tratados de maneira especial: um apresenta o leão;

o outro, um anjo; o outro, um touro; e o último, uma águia; todos esses quatro elementos alados sobre cartela, de onde pendem guirlandas de flores. Trata-se naturalmente de uma alusão aos quatro evangelistas. Nas duas extremidades, composições em talha profusamente decorada com anjos, cartelas, volutas e guirlandas de flores.

A idéia dessa composição de caixotões octogonais, hexagonais e cruciformes tem origem em desenhos de Sebastiano Serlio, arquiteto e tratadista bolonhês, que viveu de 1475 a 1552. Em *Architettura de Sebastian Serlio Bolognese (2)*, vários desses padrões podem ser encontrados, em especial no *Libro quarto: Regole generali de Architettura, sopra le cinque maniere degli edifici, cioè thoscano, dorico, ionico, corinthio e composito* e no *Libro straordinario, nel quale diverse Porte in ordine Rustico, e gentile di diversi generi sono diligentemente discritte e dellineate*. Serlio exerceu extraordinária influência sobre a Península Ibérica, durante a segunda metade do século XVI e quase todo o século XVII. A repercussão de sua obra também se fez notar nas colônias portuguesas e espanholas na América. A utilização de modelos serlianos na América Latina foi observada por Santiago Sebastián:

Mucha más fortuna...tuvo el diseño del mismo Serlio a base de casetones octogonales, exagonales y cruciformes; ningún grabado de Serlio ejerció tanta influencia en las techumbres hispanoamericanos como éste... También en Brasil se tuvo presente al decorar la boveda falsa de madera de la antigua iglesia de la Compañía, hoy Catedral de Bahía. (3)

Apesar de ainda ligado a motivos do Maneirismo, este forro já apresenta uma tendência à fatura mais volumosa na talha. É obra do final dos Seiscentos, pois sabemos que em 1700 estava concluído, devendo-se a sua armação ao irmão Luiz Manuel. Quanto aos entalhadores que nele trabalharam, não se pode fazer uma atribuição segura, embora possamos afirmar que, nessa época, trabalhavam no Colégio da Bahia alguns irmãos artífices: Luiz da Costa, de Lisboa (escultor), Domingos Xavier, de Coimbra (escultor), Domingos Monteiro, do Porto (dourador), Mateus da Costa, de Lisboa (escultor), Francisco Martins, de Braga (escultor), João Silveira, do Porto (escultor), Domingos Trigueiros, de Ponte de Lima (escultor) (4).

## FORRO DO NÁRTEX DA NAVE

À entrada da nave, embaixo do coro, há um forro de madeira (fig. 2), dividido em três caixotões retangulares, com seus ângulos duplicados. Esses caixotões recebem uma pintura à têmpera, em que predominam as cores azul, vermelho, cinza e ouro sobre fundo branco. Os motivos decorativos são predominantemente vegetais: nos ângulos, folhagens e flores, formando arabescos; nos retângulos, folhas, flores e frutas se entrelaçam em torno de uma cartela central, com volutas, torreões e flores.

As molduras desses caixotões apresentam pintura também à têmpera nas cores vermelho e cinza, sobre fundo branco em que predominam os motivos geométricos: cadeia de elos e frisos de losangos.

*Algumas vezes referida como chinoiserie, esta pintura ornamental, no entanto, cabe perfeitamente no ciclo do Maneirismo. Foi iniciada nas Loggie do Vaticano por Rafael, que se inspirara nas decorações pintadas e em estuque encontradas na Casa Dourada de Nero (5). Em seguida foi generalizada durante os séculos XVI e XVII em toda a Europa Ocidental, devido à circulação dos tratados de ornamentação (6).*

## FORRO DA BIBLIOTECA

A antiga biblioteca do Colégio dos Jesuítas se situa acima da sacristia. Do esplendor que deve ter sido nada restou, com exceção do forro de madeira pintada (fig. 3), também muito prejudicado por um espaço abobadado, que foi subtraído à biblioteca e que destruiu um pedaço de sua borda. Esse espaço abobadado corresponde ao camarim que foi aberto no altar-mor da igreja em 1679.

*O forro da biblioteca apresenta uma pintura a óleo sobre tabuado corrido, realizada dentro da concepção ilusionista. A principal característica desse tipo de pintura consiste no emprego de elementos arquitetônicos organizados em perspectiva, procurando criar a ilusão de um espaço mais amplo, culminando no céu, que é geralmente representado no centro da composição. Assim sendo, o forro da biblioteca apresenta em toda a sua volta entablamentos com frontões, arcadas, balaustradas, cartelas, anjos e guirlandas de rosas. Sobretudo os elementos arquitetônicos criam bastante espaço e volume. No centro, entre*

*nuvens no céu. estão três anjos que ladeiam uma figura feminina e a inscrição: Sapientia aedificavit sibi domum. O forro é abaulado, sendo arrematados nos dois lados menores por pendentes e, nos ângulos, por cantoneiras. Em toda volta, sanefas com rosas.*

Ainda há controvérsias sobre a sua datação e autoria. O Padre Serafim Leite acredita que o teto seja posterior à abertura do camarim do altar-mor, feita em 1679 (7), o que nos parece improvável, pois a solução encontrada para aumentar o camarim, subtraindo espaço à biblioteca, parece ser posterior à colocação do forro, tendo, inclusive, comprometido uma parte dele. Clarival do Prado Valladares prefere situar este foro em meados do século XVIII. Acredita, inclusive, que esta foi a obra geradora de toda a escola setecentista baiana (8). No entanto, como o próprio Clarival destaca, essa pintura apresenta uma peculiaridade, em contraste com as demais pinturas baianas desse tipo: as figuras humanas não estão em frontalidade e sim resolvidas em perspectiva como os elementos arquitetônicos.

Esta pintura não parece, portanto, ser brasileira, devendo ter sido trazida de Portugal, o que em parte explicaria o desajuste em relação ao espaço, muito baixo para permitir a apreciação adequada de sua perspectiva (9). Do ponto de vista formal, é uma pintura barroca, por excelência, pelo tratamento unitário das massas, pela movimentação e pela intenção cenográfica.

## SACRISTIA

A sacristia da Igreja dos Jesuítas em Salvador (fig. 4) situa-se atrás da capela-mor, ocupando toda a largura da fachada posterior. É integralmente revestida de decoração – pinturas, retábulos, arcazes, azulejaria – formando um conjunto extraordinário unitário.

O teto em madeira é dividido em vinte e um caixotões e recebe pintura à têmpera nas cores ouro, cinza, vermelho e verde sobre fundo branco. Cada caixotão apresenta uma composição tipicamente maneirista, formada de arabescos vegetais (ramos, folhas e guirlanda de flores e de frutas) enlaçados com máscaras, anjos, candelabros, liras, animais (águias, leões, coelhos, macacos, pássaros). Esses arabescos são desenvolvidos simetricamente em torno de um núcleo central, isto é,

um medalhão circular, contendo o retrato de um membro da Ordem dos Jesuítas.

*Ao todo são vinte e um retratos, de fatura bem inferior à da pintura ornamental. Representam padres e irmãos da Companhia, alguns já canonizados ou beatificados, tendo no centro a figura do fundador da Ordem. Santo Inácio de Loyola, ladeado pelos seus dois principais colaboradores, São Francisco Xavier e São Francisco de Borja. Começando pelo lado voltado para a Praça da Sé (sul), da esquerda para a direita, os retratos são os seguintes: S. Paulo Miki, S. Jacob Kisai, S. João de Goto, Padre Francisco Pacheco, Padre Francisco Mastrelle, Padre Carlos Spinola, Padre João de Almeida, Beato Estanislau de Kostka, Padre Inácio de Azevedo, S. Francisco de Borja, Sto. Inácio de Loyola, S. Francisco Xavier, Padre José de Anchieta, S. Luiz Gonzaga, Padre João Batista Machado, Padre Edmundo Campião, Padre Pedro Dias, Padre Bento de Castro, Irmão Pedro Correia, Irmão João de Souza, Padre Francisco Pinto.*

Alguns destes retratos deveriam se inspirar em reproduções vindas da Europa, no caso das figuras mais notórias, como Sto. Inácio de Loyola, S. Francisco Xavier e S. Francisco de Borja; em outros casos, eram copiados de publicações como a de Mathias Tenner - que reproduz retratos de Pedro Correia, João de Souza, Inácio de Azevedo e Francisco Pinto – ou a de Simão de Vasconcelos – que apresenta retratos de José de Anchieta e João de Almeida (10).

Como a sacristia é totalmente revestida de ornamentação e também para efeito de comparação, é interessante analisar dois outros conjuntos de pinturas: as dezessete pinturas na parte superior das paredes e dezesseis painéis dos arcazes.

*As paredes da sacristia possuem os dois terços inferiores revestidos de azulejaria azul e amarela, sobre fundo branco, de padrão idêntico ao usado nas capelas da igreja. O terço superior das paredes recebe uma série de dezessete quadros, pintura a óleo sobre madeira. Versam sobre temas do Antigo Testamento, na seguinte ordem: Expulsão de Adão e Eva do paraíso; Sacrifício de Isaac no Monte Moriá; Sonho de Jacó; José vendido por seus irmãos aos egípcios; Saul querendo matar David; A justiça de Salomão; O rei Assuero recebendo Ester; Salomão e a rainha de Sabá; Moisés e a serpente de bronze; O profeta Jonas sendo vomitado pela baleia; Josué manda o sol parar para terminar a batalha; O profeta Elias arrebatado*

do céu num carro de fogo; Balaão abençoando o povo judeu; Daniel entre os leões; Cena de batalha (não identificada); Jael, mulher de Heber, matando Sísara; Judite matando Holofernes.

*Sabemos que são pinturas seiscentistas, pois o Padre Alexandre de Gusmão, ao descrever essa sacristia em 1694, afirma que “coroa a parte superior das paredes feitos ilustres do Antigo Testamento, com pintura nada para desdenhar” (11). Resta verificar se esses painéis conservam a forma original, pois pelo menos nove deles parecem ter sido restaurados em 1878 por Miguel Canizares (12). De qualquer maneira, estas pinturas parecem seguir o padrão da pintura portuguesa da época, fazendo a passagem do Tardo-Maneirismo para o Proto-Barroco, conforme comenta Vítor Serrão:*

Se a pintura do Maneirismo português da segunda metade do século XVI seguira mais ...as tendências “irracionalistas” e “anticlássicas” da maneira italiana, já a pintura tardo-maneirista de alvares do século XVII se assumiu num contexto de pleno vigor contra-reformista e programático, numa linguagem plástica mais temperada e austera, atenta já às novas tendências “reformadas” e “anti-maneiristas” romanas e toscano-lígures...(13)

1619 é o ano da Joyeuse Entrée de Filipe II (III de Espanha) em Portugal e dos vastos programas artísticos tardo-maneiristas que festejaram o evento, importantíssimo sob diversas instâncias, e que coincide também com o fecho, seguramente sintomático, de um ciclo ao italiano que se esgotara nas vias possíveis de pesquisa e recepção, com as novas aberturas estéticas agora de sinal naturalista e tenebrista... (14)

*Os dois arcazes semelhantes, colocados na parede leste, feitos em jacarandá com incrustações de tartaruga e marfim, possuem dezesseis pinturas, que apresentam cenas da vida de Nossa Senhora. Da esquerda para a direita, os quadros são os seguintes: Nascimento da Virgem, Apresentação de Nossa Senhora Menina no Templo, Casamento de Nossa Senhora com São José, Anunciação, A Visita de Santa Isabel à Nossa Senhora, Nascimento de Cristo, Adoração dos Reis Magos, Circuncisão de Jesus, Amamentação de Jesus, Descanso na fuga para o Egito, Jesus fala aos Doutores no Templo, A Descida do Cristo Morto da Cruz, A Morte da Virgem,*

Assunção de Nossa Senhora, O Encontro de Nossa Senhora com o Cristo Ressuscitado, Coroação de Nossa Senhora.

Trata-se de pintura a óleo sobre cobre, de extraordinária qualidade técnica. Mesmo em termos de composição, superam as demais pinturas da sacristia, apresentando soluções de maior complexidade: o espaço pictórico é muito mais amplo, os conjuntos de figuras se articulam com maior movimentação e os efeitos de luz e sombra trazem grande vibração cromática às cenas. A intenção naturalista e cenográfica é evidente, revelando um pleno estilo barroco.

*A já citada descrição da igreja, feita pelo Padre Alexandre de Gusmão em 1694, refere-se diretamente a sacristia e a estas pinturas: "...um arcaz de magníficas gavetas ...O recosto da parede está revestido de lâminas, pintadas em Roma, da vida de Nossa Senhora..." (15). Podemos, portanto, ter a certeza de que estas pinturas são seiscentistas e ficamos ainda com a informação de sua procedência italiana. Realmente, em termos formais, estas pinturas seguem o Barroco italiano. Sabemos que muitos modelos, como por exemplo os dos irmãos Caracci, de Bolonha, foram intensamente copiados, em técnicas diversas, e circularam amplamente pelo mundo católico da época (16).*

*Todo este conjunto ornamental da sacristia é obra da segunda metade do século XVII. É interessante observar que o Padre Alexandre de Gusmão, já então Provincial da Ordem, em sua descrição da igreja, estende-se muito mais na sacristia do que na própria igreja. E não deixa de ser importante reparar que àquela época, final do século XVII, a sacristia já estava completamente ornada, e ornada com bastante esmero, enquanto cinco das doze capelas ainda permaneciam vazias:*

A igreja, grande e formosa, feita há 22 anos, parte com esmolas recolhidas, parte com dinheiro, coberta com tecto forte, mas ainda nu, carece de tecto pintado, com artezões e molduras. As paredes são revestidas de mármore de Itália. Também são de mármore as duas torres e o alto e nobre frontispício, com três portas para o Terreiro, que é o maior da cidade, próprio para exercícios militares e para espetáculos públicos. Já tem sete capelas concluídas, doiradas e ornadas; o ornato de uma acabou-se agora; as restantes estão à espera do seu altar e ornato. A sacristia é iluminada a

oiro e ornada de pinturas. Coroam a parte superior das paredes feitos ilustres do Antigo Testamento, com pintura nada para desdenhar; e pintado também e doirado o tecto contíguo; ... três altares, um arcaz de magníficas gavetas, notáveis pelos labores de casco de tartaruga e marfim e auricalco doirado. O recosto da parede está revestido de lâminas, pintadas em Roma, da vida de Nossa Senhora, debaixo de cristal. Abundantemente provida de objetos de culto, sobretudo vasos de prata, cálices, castiçais, píxides e lâmpadas, que tudo pesa mais de 350 libras. E acaba de receber um diadema de oiro para S. Francisco Xavier, e igualmente de oiro um relicário, pendente do peito de S. Inácio. (17)

*Feita a ressalva de que o revestimento das paredes da igreja não é de mármore da Itália, mas sim de pedra de Lioz, esta descrição reforça a ligação pessoal de Gusmão com a obra da sacristia. Outros documentos enfatizam este fato: “em 1683 as obras de casco de tartaruga eram feitas durante o Reitorado do Padre Alexandre de Gusmão, que acabou o mandato em 1684. Trabalharam nelas os irmãos da Companhia, ajudados por alguns moços de habilidade”. (18)*

*Logo depois de concluída, ainda no século XVII, a sacristia já recebia elogios, sendo citada em crônicas de visitantes estrangeiros, como, por exemplo, a Relation d’un Voyage de la Mer du Sud, Detroit de Magellan, Brésil, Cayenne et les Isles Antilles, feita pelo francês Froger e publicada em Amsterdam em 1715 (19).*

*A excelência deste conjunto ornamental tem sido destacada por historiadores da arte, como é o caso de Robert Smith: “Esse conjunto do século XVII, dos mais belos de quantos sobrevivem em todo mundo português, apresenta uma harmonia grave, embora colorida...” (20).*

Os trabalhos de ornamentação da Igreja dos Jesuítas de Salvador encerram, portanto, uma qualidade técnica e formal de caráter excepcional dentro do universo da arte colonial luso-brasileira. Quer sejam obras de pintura, de imaginária e de talha, foram realizadas ao longo de praticamente um século (de meados do século XVII a meados do século XVIII) e exemplificam as mudanças de gosto ocorridas na arte luso-brasileira no período. Inicialmente o Maneirismo – estilo italiano reinterpretado em Portugal em consonância com o seu momento histórico de contenção econômica e austeridade contra-reformista. Depois o Barroco Nacional,

já incorporando uma plasticidade e uma tendência naturalística – frutos de uma nova mentalidade religiosa - numa versão autóctone do estilo Barroco. E finalmente o Barroco Joanino, em que Portugal, vivendo um novo momento de opulência, volta-se para os modelos barrocos italianos, importando assim uma concepção mais dramática, mais cenográfica e mais dinâmica deste estilo.

## NOTAS

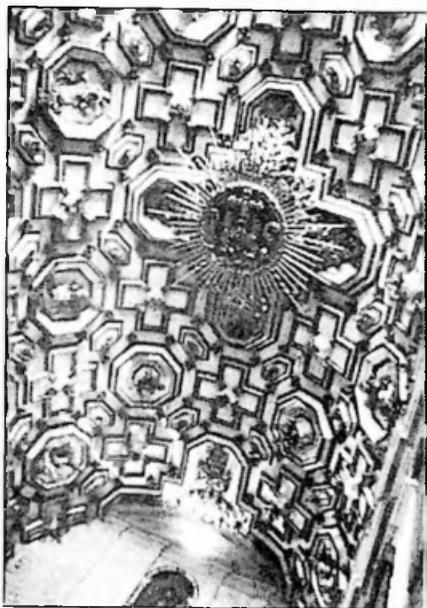
- 1- Smith, Robert. *Arquitetura colonial*. Salvador, Editora Progresso, 1955, p. 53.
- 2- Serlio, Sebastian. *Architettura de Sebastian Serlio Bolognese*. Veneza, 1663. (Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro).
- 3- Sebastián, Santiago. *La influencia de los modelos ornamentales de Serlio en Hispanoamerica*. In *Boletín del Centro de Investigaciones Historicas y Estéticas*. Caracas, n. 7, 1967, p.35.
- 4- Leite, Pe. Serafim, Sl. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1945, vol. V (Estabelecimento da Baía ao Nordeste nos séculos XVII e XVIII), p.130.
- 5- Speltz, Alexander. *Estilos de ornamentos*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d. (Tradução de Ruth Judice da edição inglesa de 1910), p. 341, lâmina 204.
- 6-Pevsner, Nikolaus. *Perspectiva da arquitectura europeia*. Lisboa, Editora Ulisseia. s. d. p. 263-264.
- 7- Leite, S. op. cit. p. 123.
- 8- Valladares, Clarival do Prado. *O ecumenismo na pintura religiosa brasileira dos Setecentos*. In *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, n. 17, 1960, p. 178-191
- 9- Em entrevista à autora em julho de 1978 em Salvador, Valentim Calderón levantou a possibilidade de que o autor desta pintura tenha sido o pintor português Antônio Simões Rodrigues, que pintou o forro da biblioteca de Coimbra, e que poderia ter estado no Brasil.
- 10- Calderón, Valentim. *A pintura jesuítica em Salvador-Bahia, Brasil*. In *Revista Bracara Augusta*. Braga, v. XXVII, fasc. 64, 1973, p. 23-24.
- 11- Leite, S. op. cit. p. 127.
- 12- Ruy, Afonso. *Catedral Basílica*. Salvador, Prefeitura Municipal, 1949, p.12 (Coleção Pequeno Guia das Igrejas da Bahia, n. 1).
- 13- Serrão, Vítor. *Entre a Maniera moderna e a ideia de Decoro: bravura e conformismo na pintura do Maneirismo português*. In *A pintura maneirista em Portugal – arte no tempo de Camões*. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses / Fundação das Descobertas – Centro Cultural de Belém, 1995, p. 38.
- 14- Serrão, V. op.cit. p. 57.
- 15- Leite, S. op. cit. p. 127
- 16- Não se sabe ainda a autoria desses quadros. No arquivo do IPHAN-Bahia, consta a informação de que o Prof. Averini estava fazendo pesquisas na Itália sobre o assunto, em torno dos anos 60.

17- Leite, S. op. cit. p. 126-127.

18- Leite, S. op. cit. p. 121.

19- Pontual, Maria de Lourdes. *A sacristia da Catedral da Baía e a posição da igreja primitiva*. In *Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio, Ministério da Educação e Saúde, n. 4. 1940, p. 197.

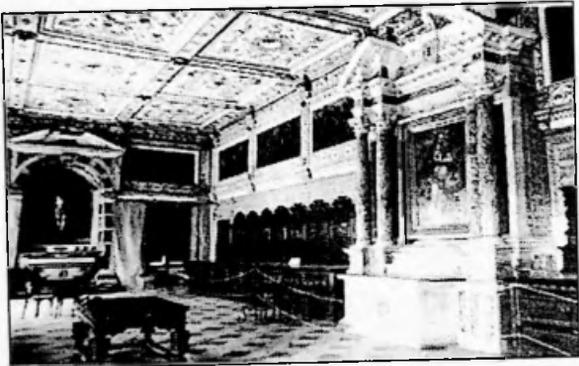
20- Smith, R. op. cit., p. 59.



Catedral de Salvador. Forro entalhado da abóbada da nave  
Foto Rogério Aroeira Julho 1978

Catedral de Salvador. Forro pintado do nártex da nave.  
Foto Rogério Aroeira Julho 1978.





Catedral de Salvador. Forro pintado da biblioteca.  
Foto Rogério Aroeira, Julho/1978.



Catedral de Salvador. Sacristia.  
Foto Rogério Aroeira, Julho/1978.